História da embalagem no Brasil[1]

Aparecido Roberley Borghi
Especialista em Administração Industrial, Marketing, e graduado em Tecnologia; profissional da área de Inovação em Embalagens e aluno do Programa de Mestrado em Administração, da Universidade IMES.

Diz-se que a embalagem é uma arte com um apelo de ciência. No que diz respeito à parte científica, ela precisa proteger seu conteúdo, resguardando-o de solavancos, intempéries climáticas e contaminações. Em sua forma artística, inclui o encanto de sua aparência, através da aplicação de cores e contornos saudavelmente sensuais e transmissores de emoção. Sua arte pode estar ligada a um notório rito social: o do presentear, em que a maneira de embalar um presente ou lembrança representa a importância do ato e a busca de, através dele, oferecer um efeito individualizado.

Nesta perspectiva, o livro *História da embalagem no Brasil*, com seus nove capítulos, brinda o leitor com uma abordagem histórica da evolução das embalagens ao longo do tempo. Em um discorrer atraente, os autores, cujo estilo é fluente e agradável, propiciam o mesmo prazer da leitura de um romance, ao apresentarem o desenvolvimento das indústrias de embalagem, relacionando-as com marcas e produtos que fizeram parte da vivência pessoal de muitos leitores.

Na história da humanidade, enquanto o homem consumia seus alimentos no próprio local de origem, fosse debaixo de uma árvore ou sobre um arbusto, ele não sentia a necessidade de protegê-los. Esta surgiu quando sua vida se tornou mais complexa; ao perceber aumentarem as distâncias entre sua moradia e as fontes de alimentos, conscientizou-se de que era preciso armazená-los. Numa abordagem cronológica da evolução humana, encontram-se as primeiras divisões de trabalho dentro do núcleo familiar, depois dentro do clã, da tribo e, conforme os homens se tornavam caçadores, pastores, plantadores de sementes, pescadores e guerreiros, foram surgindo as primeiras embalagens, como os cestos, as cabaças e as bolsas de pele.

Os autores ressaltam que o desenvolvimento das civilizações se deu em parte como conseqüência do surgimento do mercantilismo, que promoveu uma busca frenética pelas especiarias, em longas viagens, e resultou em grandes descobertas – a rota do Cabo para as Índias e as Américas e, com elas, o Brasil. Pequenos esboços de desenvolvimento da embalagem no Brasil foram feitos em 1637, quando quatro artesãos vidreiros chegaram a Pernambuco, acompanhando o Príncipe Maurício de Nassau, e montaram ali uma oficina para a produção de vidros planos para janelas e de frascos para embalagem. Entretanto, a embalagem, no País, somente alcançou algum nível considerável de desenvolvimento a partir de 1808, com a abertura dos portos e a vinda da família real e da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, pois Portugal havia sido invadido pelas tropas de Napoleão.

Historicamente, a embalagem teve sua importância potencializada com a Revolução Industrial, após a invenção da máquina a vapor. Além da exigência da proteção dos produtos em virtude das distâncias, a velocidade de circulação das mercadorias requereu das embalagens proteção e cuidado no transporte e na distribuição de bens de consumo. Chagas & Cavalcanti assim descreveram essa época na história brasileira:

> Seguindo, como sempre, os rumos da história econômica do Brasil, a evolução da embalagem ganhou um impulso no último quartel do século XIX, na esteira da industrialização geral e do desenvolvimento do comércio no País. Chegavam os imigrantes, a população da cidade de São Paulo crescia aos saltos (p. 69).

Destaque foi dado à revolução no sistema de varejo nacional com o advento dos supermercados, considerado pelos autores o estopim de uma grande revolução no mundo das embalagens. Retrataram-se, no capítulo correspondente, as mudanças comportamentais pelas quais passaram os consumidores expostos a uma novidade: desde o primeiro momento, eles estranharam a ausência de vendedores. Essa situação resultou em jargão apropriado – "os supermercados e seus vende-

[1] CAVALCANTI, Pedro & CHAGAS, Carmo. *História da embalagem no Brasil*. São Paulo: Editora Griffo, 2006. 255p.

dores silenciosos" –, com ênfase na nova função da embalagem.

Neste novo cenário, a conexão entre a embalagem, a mudança no sistema de varejo nacional e a necessidade de comunicação com o consumidor exigiram dos produtos uma linguagem adequada, a ser conseguida pelo emprego do *design*, que, segundo os autores, pode ser assim definido:

> O *design* é um espaço aberto para a inovação e os inovadores. As soluções de engenharia dão o tom no material e no tipo de embalagem, mas, na estética, na comunicação, na conveniência, predomina a criação que vem do *design* [...] filho da imaginação, irmão da fantasia com foco na realidade dos negócios, ele não tem limites (p. 171).

Na última parte do livro, Chagas & Cavalcanti trataram das tendências para o futuro das embalagens na sociedade moderna, enfatizando com sobriedade a utilização responsável dos insumos, a preocupação com o meio ambiente e a possibilidade de reciclagem dos materiais. Futuro que trará embalagens inteligentes dotadas de um *timer* ajustável pelo consumidor, que controlará a periodicidade de consumo de um medicamento, por exemplo, onde a embalagem emitirá um sinal sonoro, avisando a hora de ingeri-lo.

Acredita-se que o leitor se encantará com a leitura do livro resenhado, pois ela o conduz, página a página, ao desejo de prosseguir lendo. Será excelente para aqueles que têm o interesse em descobrir algo mais sobre a evolução da embalagem, um componente essencial para a vida moderna. Ainda, sua forma e seu conteúdo possibilitarão uma volta ao passado através de imagens, *slogans*, embalagens e marcas dos principais produtos que estiveram presentes na infância de muitos brasileiros.